

Lutar contra o banditismo armado é lutar pela paz

● **Presidente Samora Machel ao Corpo Diplomático**

O Presidente Samora Machel disse no último sábado, dia 4, em Maputo, durante a tradicional recepção oferecida ao Corpo Diplomático por ocasião do Ano Novo, que «estamos conscientes de que lutar contra o banditismo armado é lutar pela paz, é criar as bases sociais para o desenvolvimento».

Na mesma ocasião, o Chefe do Estado moçambicano fez questão de, juntamente com os representantes diplomáticos dos países membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Uni-

das (China, URSS, EUA, Grã-Bretanha e França), brindar pela Paz.

O Presidente Samora Machel que, no seu discurso, focou os assuntos mais significativos a nível nacional e internacional ocorridos durante o ano de 1985, começou por salientar que «a vossa presença aqui, entre nós, no limiar do Ano Novo, já se tornou uma tradição que ultrapassa o mero formalismo protocolar. A vossa presença assume a dimensão do diálogo necessário entre os Estados membros da Comunidade Internacional».



O brinde pela Paz, trocado com os representantes diplomáticos dos países membros do Conselho de Segurança da ONU



«Na África Austral, a instabilidade e as causas da tensão continuam a radicar na natureza do regime do apartheid na África do Sul» — Presidente Samora Machel ao Corpo Diplomático

Mais adiante, o Chefe do Estado moçambicano disse que «durante o ano de 1985 ultrapassámos algumas das situações mais críticas provocadas pelas secas prolongadas», o que não significa «uma melhoria substancial na situação alimentar do nosso povo». Em seguida, afirmou que «registamos com alto apreço a ajuda humanitária prestada pela Comunidade Internacional, pedindo que sejam portadores «junto dos vossos Governos e Organizações do profundo agradecimento do Governo e do povo moçambicano por esta assistência de grande alcance humanitário». E, acrescentou:

«Consideramos fundamental que esse apoio ganhe maior dimensão e amplitude, permitindo não só a sobrevivência imediata das populações, mas também a criação das condições materiais necessárias à recuperação económica. Só assim venceremos, em definitivo, a situação de emergência».

O NOSSO POVO AMA A PAZ

O Presidente Samora Machel afirmou mais adiante que «para além das vítimas das calamidades naturais, todos os dias se apresentam às autoridades moçambicanas numerosos cidadãos que se libertam do cativeiro a que foram forçados pelos bandidos

armados», situação que assume proporções de uma verdadeira calamidade.

«As vítimas desta nova calamidade — acrescentou — são consequência das acções do banditismo armado, cuja persistência em 1985 se deveu fundamentalmente ao incumprimento do Acordo de Nkomati pela África do Sul».

Acrescentou o Chefe do Estado que «o nosso povo ama a paz e é pela paz que se bate heroicamente de armas na mão» e que «estamos conscientes de que lutar contra o banditismo armado é lutar pela paz, é criar as bases sociais para o desenvolvimento».

Ainda sobre este tema, o Presidente Samora Machel disse que «através da nossa acção diplomática, demonstrámos, com factos, à Comunidade Internacional que a base principal do banditismo armado, do terrorismo, é a África do Sul», acrescentando que «a guerra pela total e completa liquidação do banditismo armado é global. Ela é militar, económica, política e diplomática». No entanto, a ofensiva militar em curso tem «revelado que a frente militar é decisiva neste combate», pelo que «intensificaremos e generalizaremos, no corrente ano, a ofensiva militar. Seremos implacáveis e intransigentes

para com os bandidos armados que persistirem na via do crime contra o nosso povo e Estado popular».

Fazendo uma reflexão sobre o actual momento político internacional, no limiar do Ano Internacional da Paz, o Presidente Samora Machel centrou particularmente a sua atenção na situação prevalecente na África Austral, onde o ciclo de violência «tem conhecido um ascendente progressivo» e onde «as constantes ameaças de agressão por parte do regime de Pretória contra os países vizinhos, faz antever uma onda de violência de proporções imprevisíveis». E, depois de dizer que «instamos a África do Sul a que cumpra as resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas», acrescentou:

«É necessário parar o aventureirismo belicista dos círculos mais retrógrados sul-africanos, no interesse da paz na África Austral e no Mundo».

Os focos de tensão e de guerra que ameaçam a paz noutras áreas do planeta, a luta pelo desarmamento, a actividade diplomática desenvolvida pela República Popular de Moçambique em 1985, a situação económica internacional e interna foram também questões abordadas pelo Presidente Samora Machel, que sobre este último tema afirmou:

As áreas propostas de investimen-

tos têm-se diversificado nos domínios da Agricultura e agro-indústria, turismo e hotelaria, recursos minerais, pescas, exploração florestal e indústria ligeira.

«Estamos esperançados de que neste ano haverá um incremento de propostas de investimentos com concurso e cooperação do Corpo Diplomático acreditado no nosso país. Vossas Excelências saberão, junto dos vossos países, interessar Governos, organizações, empresas, homens de negócios a investir no nosso país em empreendimentos de capitais mistos com empresas moçambicanas ou com capitais exclusivamente estrangeiros. Esta é uma forma importante de contribuir para a paz, para a recuperação económica e o progresso de Moçambique».

RAS CONDENADA

No início da cerimónia, que contou com a participação de membros da Comissão Permanente da Assembleia Popular e do Conselho de Ministros,

usou da palavra Václav Brézak, Embaixador da Checoslováquia e Decano do Corpo Diplomático que, em nome dos Chefes das Missões Diplomáticas e das Representações dos Organismos Internacionais acreditados na RPM, felicitou o povo moçambicano pela passagem do 10.º aniversário da Independência Nacional e congratulou-se pelas vitórias alcançadas nas frentes política, militar e diplomática.

Neste contexto, o Decano dos Diplomatas disse que «confirmou-se a razão que os bandidos armados estão capazes de continuar em sua «obra» destrutiva e desumana somente por terem o apoio da República da África do Sul». Sobre a situação interna na África do Sul, disse que não tem analogia na história daquele país, desde o início do século vinte o grau de violência que está a sobreviver no dia de hoje, e que «é por culpa do regime de Pretória que a situação está a agravar-se, pois este está negando todos os conselhos, de qualquer procedência».

L. D.